

# A RAZÃO

Director e Editor: Dr. David de Oliveira

SEMENARIO REPUBLICANO

N.º 24 DO 2.º ANO

Redacção e Administração: R. de FRANCISCO AGRA, 8

Guimarães, 24 de Julho de 1924

Composição e impressão: RUA DE GIL VICENTE, 34  
MINERVA RIBEIRO. — Guimarães

## Intolerancia

Da leitura de dois jornais monarchicos e a propósito da Festa Militar, depreende-se — que os republicanos são intolerantes. E assim, depois de prestarem as suas homenagens ao Regimento que nesta cidade tem a sua sede, os órgãos monarchicos pretendem que a politica não seja imiscuida no acto solene a que vai dar-se realização. De todos e para todos os vimaranenses, eis a fórmula que espalham e defendem.

Superfluo será dizer que também assim penamos, e que é esse, segundo nos consta, o desejo de todos aqueles que orientam a organização daquelles festejos.

Fóra de propósito será querer provar a rectidão da norma que tem seguido os trabalhadores deste modesto defensor do mais puro ideal republicano, que a ninguém tem poupado, qualquer que seja a sua côr politica, sempre que se trate de moralidade e firmeza de caracter, e que igualmente nunca regateou a concessão de elogios a quem deles é merecedor.

Porém, as entrelinhas em que mais se fixou a nossa atenção, deixaram-nos a nitida impressão de que são os nossos inimigos politicos os pretendentes a uma clara desunião. E não vejamos, para que comprovamos fiquem, e claramente, as nossas palavras, alguns pedacinhos de incoerência aliada ao mais puro sentimento de intolerancia:

«E' que há sempre quem no meio de festas patrioticas se lembre de levantar vivas inoportunos, logo abafados por vivas á Pátria».....

diz nas suas colunas um dos citados jornais.

Limitamo-nos a perguntar, e não discutimos para que se não julgue a intolerancia nosso timbre, se porventura em regime republicano serão inoportunos os vivas á Republica? Afigura-se nos que a inocência dos lutadores monarchicos não irá até ao ponto de julgarem que se darão vivas á monarchia! Não será isto, da sua parte, o testemunho mais evidente e inofensivel desse sistema de intolerancia, que tanto apregoam e fingem combater?

Como exemplo da mais completa incoerência, aqui li-

cam transcritos alguns elementos preciosos sobre a mais categorica afirmação de Liberdade que a Republica tem dado nos ultimos tempos:

«Haja em vista o que succediu com o recente congresso em Braga: — não houve a mais pequena nota discordante, e os republicanos dali, mostraram a sua boa educação, e o amor que tem á terra aonde naceram.»

Estas palavras, que uma das gazetas referidas nos apresenta, são inteiramente desmentidas, um pouco adiante, pelas conclusões e estranhas frases que se seguem:

### «A rir?»

Dizem as «Novidades», órgão do Centro Catolico:

Mas a justiça manda dizer a verdade toda. E essa verdade é a attimar, tão alto que o Clero ouca primeiro que ninguém, que o seu presente é bem melhor, mais consolador para a Igreja e mais honroso para ele proprio, do que o passado.

Quando um jornal é órgão duma Causa, assume, perante os seus leitores, uma enorme responsabilidade, precisando de pensar bem o que publica, que deve ser o pensar dos dirigentes dessa Causa.

Como ousam pois as «Novidades», vir a publico com tão rematada falsidade?

Então o Clero está melhor do que quando tinha a plena liberdade das suas accções?

Francamente: isto dá vontade de perguntar se os colaboradores de as «Novidades» serão ateus ou livres pensadores!

Ora, perante esta manifesta prova de incoerência que nos abtemos de analizar, discutir e comentar mais profundamente, pelo que possue de venenoso e reservado, perante esta imperdoavel e impertinente teimosia de querer confundir religião com politica, pergunta a nossa sinceridade, quem são os provocadores de actos que somos os primeiros a lamentar e que todos teem obrigação de evitar!

Republicanos ou monarchicos?

Parace-nos que vão para os ultimos as maiores culpas, porquanto os republicanos apenas têm evitado que o seu ideal, na sua pureza, seja amesquinhado e desvirtuado, defendendo-se das constantes aggressões de que teem sido vítimas, por parte de quasi

toda a imprensa monarchica. E, para finalizar, repare-se e fixe-se, que neste baluarte monarchico que é Guimarães e que haveremos de tomar com as unicas armas de que nos costumamos servir — lialdade, correção e honestidade — apenas um semanario tem sido alvo de ataques violentos, porque de violencia e falta de respeito sempre usou para connosco.

Z.

## Foguete de 3 respostas

(Ainda os E. C. ou E. M. S.)

I

O nosso colega «O Comercio de Guimarães» põe em dúvida que de Guimarães se fizesse ouvir em Lisboa.

Pois foi verdade, caro colega, e se necessitar de provas, particularmente, lhas poderemos fornecer.

E, de resto, nada importa que fosse daqui ou dali que tivesse partido o alarme que, se ainda não findou com «les», teve a virtude de os fazer pôr uma máscara.

Da autenticidade republicana de certos, o Director do «Comercio», melhor do que eu, saberá avaliar.

Na sua acidentada vida politica deve ter notado que, muitos dos que são, já foram e tornarão a ser, conforme os ventos... E nada mais.

II

A um baboso e asno, miçed de parvo e cretino, que escreve no «Ecos»:

Ser *alguem* não é ser um Tomaz, possuir um de de pataco ou dar-se ares de catedrático.

Ser *alguem* é ter a consciencia do seu querer, firmá-lo e estar disposto a mantê-lo em toda a parte e de... qualquer maneira.

III

Ao snr. Eugénio Vaz Vieira, Inspector (???) dos Escoteiros Católicos, crismados de Escoteiros de Martins Sarmiento:

Mantenho a afirmação que fiz num dos ultimos n.ºs de este jornal e que é do teor seguinte: «Faltando-lhe (ao jesuitismo) as escolas onde exercia a sua nefasta propaganda, tentou servir-se duma ideia bela e nobre para conseguir os seus fins e... prégar o ódio á Republica».

O snr. Eugénio Vaz Vieira previne-me lealmente que de nada me valerá servir de termos menos correctos ou fugir ao assunto. Em face desta prevenção, tom-do de pavor, apresso-me a dar-lhe a devida resposta pois, de contrário, não sei o que será de mim e, francamente, esta vida são dois dias.

Termos menos correctos — não vou pedir á civilidade e urbanidade da Companhia de Jesus, os modelos pelos quais hei de regular-me.

Fugir — não é minha norma e aqui eston.

Qu' S. Ex.ª, o Inspector dos Escoteiros Católicos ou Escoteiros de Martins Sarmiento, que lhe ajresente as accções ou palavras dos ditos contra a Republica.

Não lhas posso apresentar, porque não foi isso o que affirmei e da minha afirmação isso não se depreende.

Qu' S. Ex.ª analize a dita afirmação e verá que o sujeito é o jesuitismo, e não ser que... o snr. Eugénio Vaz Vieira queira fugir ao assunto.

A minha afirmação está de pé porque nela sómente me refiro ao jesuitismo representado por quasi todos os dirigentes dos ditos Escoteiros na cidade de Guimarães, quasi todos antigos alunos da Companhia de Jesus e julgo que seus filhados.

Os Escoteiros Católicos, a quem lentamente e com cautela vão mini-trando o *virus*, ainda não estão completamente contaminados e outras provas não derem de si que não sejam ir á missa formados e com o passo certo e fazer diversas guardas de honra.

E para terminar vou aqui consignar as palavras que o celebre jesuita espanhol Sanchez escreveu:

«Pode-se jurar que não se praticou uma coisa, ainda que efectivamente se tenha praticado, entendendo mentalmente que se não fez num certo dia ou antes de se ter nascido, ou subintendendo qualquer outra circunstancia semelhante, sem que as palavras de que nos servimos tenham qualquer sentido, que o possam dar a conhecer.»

E até breve.  
(Retardado na Redacção).

Karl.

## Corja

Ai, valentes! Direito á vida teem no os caes, mesmo quando são danados, mas nós não. Direito á vida teem-no todos os que, sofismando as leis, fogem ao imposto e burlam a justiça; tem-no todo o safardana que se vem locupletando a custa do Estado, esquecendo as suas funções de cidadão, os seus deveres civicos, e todos os seus actos manifesta absoluta ausencia de patriotismo. Direito á vida teem-no todos os cinicos que veem fazendo fortunas fabulosas na confusão da hora tenebrosa que passamos, todos os *conceituados* de varios praças de obesidade certa que á sombra da banca ou do balcão nos vão sugando as ultimas migalhas de pão e de... paciencia.

E' uma orgia de loucos, essa *pandega pegada* que para aí vai, essa *cégada* que passa ás vaías á moral e insultos á miséria. De dia para dia, de hora para hora, a vida se vai tornando mais difficil, os preços dos géneros de primeira necessidade subindo sempre, num desafio constante ao desespero que já ruge em muitos pontos. De dia para dia, de hora para hora, aumen-

ta o numero dos traficantes de legums donados a soldo de uma ideia negra. E a enxurrada não acaba de passar...

Ai, valentes! Direito á vida tende-lo vós, teem-nos todos os que, surdos ás sublimes ideias de solidariedade e fraternidade, só veem no *prócimo* a rez em que, á vontade, podem covar as vis ambições e os sordidos instintos! Tende-lo vós, salafários, que da consciencia fizestes o capital com que negocias, corja de vendilhões e um fã nem lá, sem Pátria nem familia! Tende-lo vós — é certo; mas por pouco tempo. Do desespero saiu a revolta e os primeiros gritos desta ouvem-se já. E, depois, veremos — e vós veris também o fim da vossa obra. Cedo ou tarde — isso depende de vós — o que para aí tendes semeado de miséria e dor, de desespero e desordem, há de frutificar. Quem semeia ventos...

L. S.

## Valha-me Deus!

Chove a potes. Tangi na pelo sul rijo a chuva rufa na folhagem, como que a querer desmontar o que dizem as «folhinhas» e os «saragoçanos» a respeito do mês das cerejas e dos... burros. Chove a potes e a temperatura é baixa. Pela estrada fóra, trópico e curva o, um pobresinho alonga o passo incerto na ánsia de encontrar umas telhas caridosas. O chapu, ceboso e desabado, deixa fugir pelos buracos da copa repas dum branco sujo, — as cans, que sempre fizeram a valhuco re-peitada e veneranda. Aproxima-se mais e mais, até que alcança o almejado abrigo.

Entrá. O Senhor esteja aqui, diz o velhinho trémulo, tirando o chapu e olhando em volta, á procura dum cantinho onde possa esconder a sua miséria.

Todos os que já ali estavam fugidos á chuva, — uns 5 ou 6 passasos —, acastaram para que o pobre passasse. Mas não se peuse que o fizeram por preito á idade. Não; foi de repulsa o movimento que deixou o esmiúdo livre no velhice. Este deu uns passos para dentro e ia encostar-se — quiz me parecer isso — á parede do casebre quando lá do fundo se lhe dirigem:

— Olhe lá; você não podia ficar á porta, como os outros? Se não cabin, ficava lá fóra. Rua! Eu sei lá quem me entra pela porta dentro. Vamos...

— Valha-me Deus! — E outras palavras não teve o pobre velhinho para tanta crueldade.

E lá se foi, trémulo, curvado, as repas de um branco sujo a sairem pelos buracos do chapu ceboso. E pela fita da estrada nem um abrigo... E' o mesmo. Antes uma boa «mólha». E lá fui, também, a pensar naquele «Valha-me Deus» do pobresinho, na dar inencha que á traluzia e que, contudo, nada valia contra a maldade dos homens.

P. P.

Lêde e propagaí

# «A RAZÃO»

semanario republicano.

... Sr. Dr. David d'Oliveira, meu muito prezado Amigo e ilustre Director de «A Razão»:

Rogo a V... o obsequio de consentir a publicação da carta que incluso remeto e que nesta data dirijo ao snr. Director do Jornal «Ecos de Guimarães».

Agradece reconhecido o

Da V... etc.,

H. Campos.

Guimarães, 24 de Julho de 1924.

H.º Sr. Director do «Ecos de Guimarães» e meu particular Amigo:

Membro da Comissão que trata dos festejos a realizar pela cidade de Guimarães, o mais pomposamente possível, em honra do seu glorioso Regimento, que em França se cobriu de gloria, e com magoa profunda, feridos no mais intimo do nosso sentir, que nos propomos, senão rebater, pelo menos censurar o artigo a que no ultimo numero do seu jornal V. Ex.ª deu publicidade, sob a epigrafe «Festa Militar».

Protestando em primeiro lugar contra a forma recheada de incurrecção, pecando pela absoluta falencia de patriotismo e de concordancia com a attitud primitivamente tomada, vamos passar á analise dos antecedentes desta verdadeira consagração ao Exército a que nos dedicamos com todo o ardor dos nossos poucos anos.

Durante o exercicio da missão que nos foi confiada, asseveramos a todos os vimezeses que a festa teria um cunho accentuadamente nacional e regional, mas, claro é, que já mais nos poderiamos responsabilisar por acontecimentos ou actos isolados, provocados, quer por adversarios politicos, quer pelos nossos proprios correligionarios.

O desejo da Comissão da Festa Militar, de que fazem parte elementos das mais variadas facções politicas e partidarias, a sua vontade de sempre que ainda hoje mantem, apesar de tudo—era que a glorificação do 20 de Infanteria fosse feita com o maximo esplendor e sem que inclinações politicas porventura podessem desvirtuar a sua feição patriótica.

Evidentemente que, pela nossa parte, colectiva e particularmente, fariamos todo o possivel porque não houvesse melindres, nem ataques, nem sequer ofensas pessoais e quer-nos mesmo parecer que o nosso desejo seria de todo satisfeito, ainda pelos mais exaltados paladinos da republica. Porém, este nosso modo de ver pessoal, esta attitud que a nossa lialdade nos obrigaria a tomar, não significaria, nem significa, de forma alguma, que permitamos que o nosso Ideal, em sua pureza e transcendencia, seja achincalhado, seja conspurcado, por quem não tem a menor noção de tolerancia!... D. claramos-lhe o nosso affecto á Republica, mas asseveramos-lhe que acima desse sentimento, que nos honramos de possuir, colocamos sempre, e bem alto, a dignidade da terra onde nascemos. E foi apenas o patriotismo, foi este sentimento cuja sublimidade muitos deturpam, foi o desinteressado amor que a Portugal dedicamos, a causa primordial de nos vermos envolvidos na realização do mais nobre e mais sincero gesto, que viria á ter a cidade de Guimarães. E' que, embora não sejamos daqui natural, embora há pouco tempo tenhamos tomado como terra adoptiva,

o berço onde se gerou e desenvolveu a nossa nacionalidade—ou monarchia se assim o emendem, mas no sentido geral e não particular, como os senhores falsamente comprehendem ou fignam comprehendem—apesar dos ja fortes laços que nos ligam a esta terra, onde germinam e se estendem livremente, o odio, o rancor, a intriga e o veneno, todo o nosso prazer e todo o nosso orgulho, seria que Guimarães fosse pela vez primeira uma terra gentil, hospitaleira e educada, como muitas há por esse país fóra.

E se-lo há no maximo, assim o julgamos, porque directamente nada pedimos nos monarchicos até hoje, mas sim ao commercio vimezanense, com cujas tendencias politicas nada temos. Este é que se não deixará ir no «bote» da politica monarchica e libertar-se-há dos seus carinhos subitios, porque acima de tudo é regionalista e patriota, e a festa que vai realizar-se, é apenas de saudação ao Exército que valeiamente se ha teu e á Pátria, a quem as paixões politicas e as desavenças dos seus filhos não de fatalmente arremessar para esse abismo que, já há tanto tempo, enxergamos em todo o seu aspecto de horror! E a Pátria, snrs. monarchicos intransigentes, não é exclusivo deste ou daquele partido, deste ou daquele regime. A Pátria é de todos, assim o entendemos! E a respeito-lo, vemos a liberdade completa de que os senhores gosam e o abuso de que alguns dos adptos da monarchia usam nos seus constantes ataques ao regime que vigora em Portugal! A afirmar essa liberdade, bem nos basta a mediocre educação de que alguns dos senhores constantemente nos dão sobrejos exemplos, estampando nas columnas dos seus jornais, no dirigirem-se a S. Ex.ª o Presidente da Republica, o termo «Chefe» nas condições infelizes em que o fazem. E entretanto nós, republicanos, continuamos ingenuamente a escrever D. Manuel de Bragança, tal como aprendemos nas escolas, tal como nossos pais nos ensinaram, ao darem-nos uma educação, modesta sim, mas bem mais rica, bem mais obra, bem mais pura do que aquela que os senhores mostram ter adquirido.

Por sua culpa, nunca Guimarães há-de progredir, jamais há-de sair deste atoleiro em que se enterrou, porque—e isto é comprehensivel—nunca Guimarães há-de fazer ouvir a sua voz, enquanto adotar a norma que até hoje tem seguido. E, como já deixo bem patente o meu desgosto, pergunto, para finalizar, como é que se pretende que a aposição de insígnias que comprovam o valor de um regimento, não seja feita pelo supremo magistrado da Nação? Em toda a parte, aqui e no estrangeiro, assim se tem procedido com toda a pompa, excepto em casos de força maior e parece-nos que a lógica, o bom senso e a intelligencia, ordenam que o unico e natural caminho a calcar seja este!...

A afirmação de que com a vinda do Chefe de Estado, a festa militar deixará de ser patriótica para ser apenas politica, faz-nos sorrir por extemporânea e por muito bem termos abrangido os seus propositos, restando-nos a consolação de já sabermos que a maioria dos seus correligionarios, Ex.º Sr., discorda em absoluto do artigo a que vimos fazendo referencia.

Agradeço á sua lialdade a publicação completa desta carta, tradutora do meu pesar e unica sobre o assunto, tanto a liberdade de me subscrever com toda a estima pessoal

De V. Ex.ª  
At.º Ven.º e Obrg.º  
Heitor da Silva Campos.

RIDENDO...

Gosadas umas férias forçadas e precisas, cá volta a secção qu'ri-la e adorada do «Equus», do «Gil Birrento» e também ás vezes do innocente «Comercio». E vá lá, licença é modestia, os tais meninos a modo que e-tão muito precisadinhos de RIDENDO e de certos cinapismos que, fazendo comichões e produzindo ardores, curam ao mesmo tempo.

Et voilà...

Porque um jornal catolico, que só catolico se diz, teve a afoitosa de dizer que o presente do Clero é mais consolador para a Igreja, e mais honroso do que o passado, logo Mestre «Comercio» mete a sua monarchica colherada, dizendo que tal afirmação é uma falsidade. E tem o desplante de perguntar se o Clero de agora está melhor do que quando tinha a liberdade das suas acções.

Ora é caso de perguntar ao «Comercio» se isto de os parocos serem nomeados segundo as exigencias dos politicos, e os bispos serem escolhido segundo o numero de votos que os amigos e eles proprios dessem para as urnas, era liberdade? A pergunta que fiz aos redactores de as «Novidades», sobre se são livres pensadores ou ateus, respondendo eu por eles São cablicos.

Não mercadejem a sua crenga para triunfos de causas politicas; não se assubandijam inensando os corações humanos com o incenso dos seus altares. Não trocam a verdade de Deus pela mentira da politica.

—O «Comercio», a propósito de o comercio de S. Tomé não receber notas de Angola, diz que está tudo lindo.

Olhe, pergunte ao seu correligionario Governador do B. Ultramarino, a razão. Será de tambem republicano? Sara.

Todo se esfalfa A. C. C. no «Equus» a homenagear os deputados monarchicos, e a morder os homens da Republica, servindo-se de afirmações já por demais desmentidas. O articulista achou bem a grosseria do Cancellia e está no seu direito, e mais ainda no seu direito de render as suas homenagens no «Equus», que é o mais idio estio da má creação monarchica. O diabo é se algum dia terá de atirar para a rua monarchica com a primeira palavra da popular legenda do seu brazão.

—Se o não soubermos ficavamos sabendo: Lá pelo «Equus» passou des-perechida aquela pequenina obra do João Feliz Pereira, que noutros tempos custava trinta reis. A quella local da «Festa Militar» demonstra-o bem, e o articulista parece-me ser daqueles monarchicos dos diabos que no tempo do João Franco insultaram Dona Amelia na sua honra de mulher casada. E se desses não foi, com esses aprendeu.

Oh seu alma de cantaro, você não sabe que o respeito pela Nação incute o respeito pelo seu Chefe? Oh seu articulista dum a figa, você desconhece que a bandeira do 20 tem as cores da Republica? Oh seu patriota das duzias, você sabe o que é homenagem, render culto a uma bandeira que andou na guerra, que se ensopou de sangue, e de gloria, e de sacrificios, e de heroismos, e de abnegações? Oh seu jornalista venenoso e provocante, terá você sido daqueles que prégarão o derrotismo, o defectismo e a fuga nos tempos em que o dever de todos era por todos lutar? Parece-me bem que sim, porque pela pequenez do insulto se conhece a grandezza do parvo.

E são estes bicos, estes pan-

degos que pretendem nos seus jornais que lhes respeitamos as suas ideias, as suas cretinices, as suas accções velharias!!!

São estes delicados e ultra refinadissimos bem educados que tem o atrevimento de enegrecer a tinta preta com que escrevem, com o puz que lhes escorrega da chaza sempre aberta do seu odio. N'jentissimos tartufos que só na lama do insulto vêm boiar a satisfação que lhes lisongeia as almas raivosas!!!

Saber is vô: por acaso quem vos fez portugueses?

Pois olhai que, pelo menos, foi a terra onde nascesteis, e que se felizmente cria pombas e flores, tambem cria cardos, sapos e minhocas.

Lédecé.

Adueros de Portugal

Solicitam-nos a publicação da seguinte nota:

«Tendo-se dado ultimamente, na publicação de noticias referentes ao «Scouting», uma lamentavel confusão entre Adueros, Escoteiros e Scouts Catolicos, vem a Junta Directora da «União dos Adueros de Portugal» esclarecer:—Que, como consta dos seus Estatutos e Boleins de inscrição de sócios, é uma instituição nacional, reconhecida, legalizada e oficializada pelo Estado, de caracter civil, neutra em materia religiosa e sem feição politica, destinada a estabelecer e a desenvolver o «Aduerismo» (adaptação portuguesa do Scouting de Baden Powell).

O «Aduerismo» tem por fim dar á mocidade saude e desenvolvimento fisico e mental, criar energia e confiança nos proprios recursos, desenvolver as aptidões manuais, incentivar no espirito a disciplina, a coragem e o patriotismo e tudo, enfim, que sirva para formar integralmente o caracter. E sendo o programa do «Aduerismo» baseado sobre o estimulo e sobre os sentimentos nobres e elevados, afigura-se indispensavel a esta Junta Directora, para poder executá-lo, a mais estricte neutralidade em materia politica e religiosa, evitando desenvolver na mocidade, quaquer paixão, seja de que natureza fór, capaz de desunir pelo sectarismo. E' preciso, pelo contrario, apontar á mocidade de hoje, aos homens de amanhã, as necessidades mutuas e a absoluta precisão de uma solidariedade íntima entre as diferentes camadas da familia portuguesa. E' preciso ensinar-lhe a respeitar as crencas e as ideias de cada um, mantendo as suas na intimidade precisa para que o seu estabelecimento não vá parecer uma provocação.

Para o cumprimento integral deste programa, necessaria se torna a cooperação e a boa vontade de todos os portugueses que, comprehendendo, enfim, que a obra de ressurreição nacional é uma essencialmente educativa, pretendem legar a seus filhos o mais indispensavel de todos os patrimonios: o bem estar social.

São estes os principios gerais orientadores do «Scouting» mundial. E não será desvirtuando o «Scouting», precisamente na sua essencia, que se poderá esperar dele, entre nós, os beneficios imensos que lá fóra tem prestado.—A Junta Directora da União dos Adueros de Portugal.»

Ainda a questão do jôgo

Por dever de lialdade e melhor informados, devemos dizer que a attitud das autoridades tem sido digna, não tendo estas recebido um só centavo das causas de jôgo.

Fazemos esta declaração livremente e porque assim é verdade.

Houve na realidade um cavalheiro que pretendeu arrancar a Vizela, em beneficio da sua igrejinha politica, uma boa maquina, mas fallou-lhe o arranjinhu.

A campanha aqui encetada fructificou, e de futuros bons resultados aguardaremos.

C. C.

P.º Francisco Almeida

Em goso de férias, partiu para a terra da sua naturalidade—Amaros—, o nosso querido amigo, snr. P.º Francisco d'Almeida, digno professor da E. P. S.

EULALIA COUTO

Parteira diplomada pela Faculdade de Medicina do Porto

Consultas (diagnosticos de gravidés)

Rua 31 de Janeiro, 111

Guimarães

VENDE-SE

Uma mobilia de quarto, mogno, estado de nova.

V. Ex.ª precisa comprar um serviço para jantar, chá ou lavatório?...

RECOMENDA-SE A

Antiga Louçaria Rezende

DE

Manuel R. Ferreira da Costa

Rua da Assunção, 38—PORTO.

Desconto aos Revendedores.

«A Razão»

Semanário Republicano

Ex.º Sr.